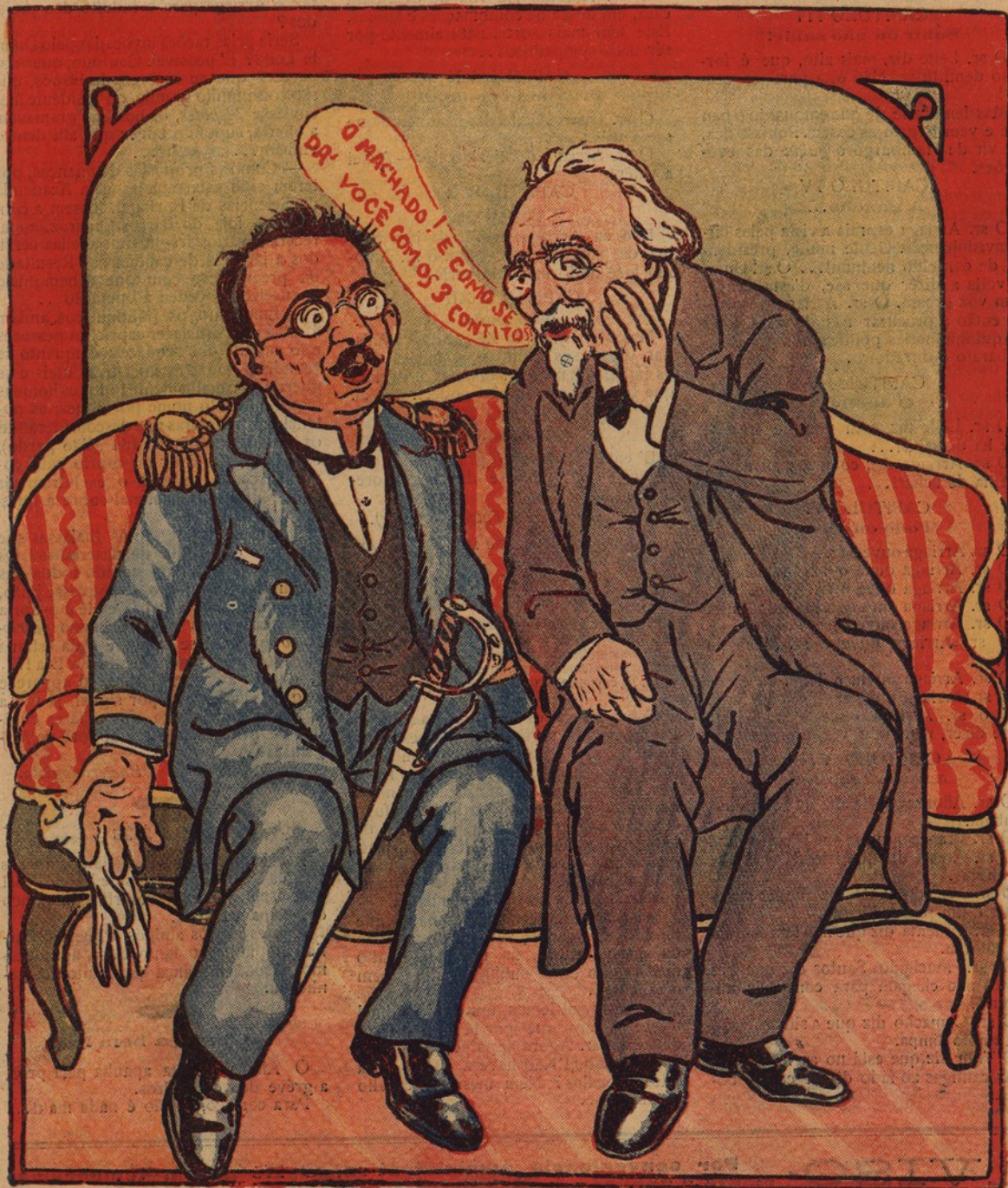
N.º 113 (3.º) (235) 5.º ANNO Quinta-feira, 9 de Dezembro de 1913 Preço 20 Rs.

Semanario de caricaturas a côres, critico e humoristico
Propriedade da Empreza do jornal O ZÉ
DIRECTOR E EDITOR
ESTEVÃO DE CARVALHO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ARLINDO BOAVIDA
ADMINISTRADOR
SERTORIO RAMOS
COMPOSTO, IMPRESSO E GRAVADO
nas OFFICINAS DO ZÉ
Rua do Poço dos Negros 81, 1.º

Successor do jornal XUÃO Redacção e administração, R. do Poço dos Negros, 81

CONFERENCIA POLITICA

Ó MACHADO! E COMO SE
DÁ VOCÊ COM OS 3 CONTITOS?

E aqui está o motivo que levou o presidente a chamar o heroe da Rotunda...

A CRISE

CAPITULO I

Burrinhos n'agua

O sr. Duarte Leite, vendo que, para governar, é preciso têr mais dedo que nariz, pensa em demittir-se.

Grande borborinho nos arraiaes partidarios e quarta enxaqueca politica do sr. Manoel d'Arriaga.

CAPITULO II

Começa o drama

O sr. Duarte diz, baixinho, que se vae demittir. O sr. Manuel d'Arriaga diz, baixinho tambem, que era melhor ir-se despir...

CAPITULO III

Sahir ou não sahir!

O sr. Leite diz, mais alto, que é forçoso demittir-se. Não está para os aturar!

Mas lembra-se de que emquanto o pau vae e vem folgam as costas. Por isso fica, até vir de Hamburgo o *galan* das evoluções.

CAPITULO IV

A gancho...

O sr. Arriaga espraia a vista pelas circumvisinhanças. Gente muita, presidentes de conselho nenhum!... O sr. Duarte volta a dizêr que sáe, d'esta vêz já com voz grossa. O sr. Arriaga resolve-se, então a procurar nas diversas lojas de quinquilherias politicas um presidente barato e duradoiro.

CAPITULO V

O duello!

O sr. Leite diz, com voz de trovão, que ha de sahir!...

O sr. Arriaga diz, com voz aflautada, que ha de achar!...

CAPITULO VI

Todo ouvidos

O sr. Arriaga ouve o sr. Affonso Costa.

O sr. Arriaga ouve o sr Brancaamp.

O sr. Arriaga ouve o sr. Aresta.

O sr. Arriaga onve o sr. Macedo Pinto.

O sr. Arriaga ouve o sr. Pimenta.

O sr. Arriaga ouve o sr. Machado Santos.

O sr. Arriaga ouviu o Tlim.

O sr. Arriaga ouve cantigas ao fado.

E o sr. Arriaga ouve o sr. Duarte Leite dizêr, mais uma vêz, que sáe!

CAPITULO VII

A catastrophe!

O sr. Affonso Costa diz que sim, mas tambem.

O sr. Brancaamp diz que já está velho.

O sr. Aresta diz que isto dá vontade de chorar.

O sr. Macêdo Pinto diz que sêr presidente é um pouco bicudo.

O sr. Pimenta diz que não tem o apoio do colorau.

O sr. Machado Santos diz que três contos não chegam para constituir ministerio.

O sr. Camacho diz que a situação não é lá muito limpa.

O Tlim diz que está no asylo.

As cantigas ao fado dizem coisas bonitas.

E o sr. Duarte Leite diz que ha de sahir, forçosamente!

CAPITULO VIII

O anjo salvador

Mas eis que chega de Hamburgo um vulto embuçado, o sr. Antonio José d'Almeida. Consegue introduzir-se no animo do sr. Arriaga, por meio de chave falsa, convencendo-o a trazer á luz do dia umas cartas largamente besuntadas de bondade.

E o sr. Leite disse mais uma vêz: — Sáio!

CAPITULO IX

A felicidade aproxima-se

O sr. Antonio Zé vôa de casa para casa, em busca de combinações e apoios. Este tem mais sorte, naturalmente por sér mais sympathico...

CAPITULO X

Travando combate

O sr. Duarte Leite diz finalmente que sae a valêr.

O sr. Arriaga diz finalmente: — Achei a valêr!

CAPITULO XI

Tentativa

E o sr. Arriaga, esgottada já a vasilha da paciencia, encarrega o sr. Antonio José de formar ministerio.

CAPITULO XII

Não pode

Mas o sr. Antonio Zé que quer amnistiar os presos politicos, zanga-se com os independentes e *onanistas* e declara que bem quer, mas não pode... ai... ai.

CAPITULO XIII

O desenlace

E' então chamado o grande Elias que organisa um gabinete de traz da orelhinha!...

(Talvêz continue).

Diabos nos levem se isto não é a expressão da verdade!

*

Transcrevemos do jornal *O Mundo:*

Parece que á frente dos professores que entendem que o acto de escarrar a bandeira nacional não tem significação alguma e que, pelo contrario, é absolutamente natural e não merece correctivo, se encontra o antigo padre Alipio Albano Camello.

Como sabem, os camellos são animaes proprios das regiões aquatoriaes, difficeis, por isso, de se aclimatarem n'um meio como é o nosso. Alguns dos raros que por ahi apparecem, nas companhias de saltimbancos e nos jardins Zoologicos, são amestrados pacientemente, de forma que, n'um praso de tempo mais ou menos curto, são capazes de fazer muitas habilidades, mesmo a de transportar creanças no dorso abaúlado.

Mas para estes camellos humanos que de vez em quando, surgem do alçapão da insignificancia, ha um meio muito mais rapido de os subjugar. Elles bem o sabem...

Já no Brazil temos um duplo animal d'este genero que por lá se tem farto de tripudiar. Agora apparece-nos outro.

Que diabo! Não haverá tisana para estes camellos? Nem mesmo o cavallo marinho?...

O Brito Camacho, quando regressou do *conchego* com o *valet de chambre*, apanhou *almoço* na *Dança da Lucta*, ao som de uma charangola. O Antonio José, quando voltou aos braços dos correligionarios, apanhou *jantarada* no Colyseu velho, nada menos do que ao som da banda de marinha e de uma orchestra propria para concertos.

Vê-se, por isso, que os *almeidistas* teem *alma até Almeida*, ao passo que os *onanistas só fazem despeza comsigo*, entendendo, alem disso, que o chefe, por ser um *traste* muito usado, não merecia paparoca superior á que apanhou.

— Porque seria que os ministros não aceitaram a proposta assucarada que lhes fez o Arriaga para o indulto dos prelados?

Seria pelas razões invocadas pelo Duarte Leite? E' possivel. Contudo, quer-nos parecer que se em vez de bispos, que são coisa muito grande, o Presidente lhes enviasse *bispotes*, os homens gramavam a offerta, supondo talvez que alli dentro vinham... as *brôas*...

— Como as propostas de finanças, por terem sido esfarrapadas pela Academia de Sciencias de Portugal, fossem a concertar á loja do Barros Queiroz, appareceram varios fragmentos d'ellas cerzidos a facturas de candieiros! Resultado da precipitação com que o bemquisto financeiro procedeu á operação...

— Emquanto os politiqueiros andam á unha para satisfazer caprichos pessoaes e o apetite dos sequazes; emquanto se repudiam todas as iniciativas uteis e se guerreiam canalhamente todos os homens que honram o nome portuguez, as potencias estrangeiras vão desconsiderando os nossos diplomatas (de galão pardo), chegando a agravar o proprio paiz, como succedeu quando o excluiram da conferencia internacional sobre a questão dos Balkans.

Digam então que são os thalassas que fazem a campanha de descredito! Os thalassas já se teriam sumido todos, nas profundas do Inferno, se houvesse juizo, vergonha, amor á Patria e até á propria Republica! Mas qual! O unico *patriotismo* que ahi se exhibe é o da estatua da Verdade no monumento do Eça!...

E quanto a energia nobre, só apparece a do *frontão*, que por signal, já vae a gastar-se por effeito dos olhares cúpidos do Brito Camacho e do José de Magalhães...

Bacteriologista.

N'O ZÉ

Recebemos a amavel visita dos nossos amigos e correligionarios de Vizeu, Abel do Nascimento e Julio Martins, ha pouco chegados a Lisboa.

A estes nossos amigos a quem o Partido Republicano tanto deve, agradecemos a sua lembrança que muito nos penhorou.

Começa bem!

O Affonso Costa apanha pela prôa, a gréve dos corticeiros.

Para começo, já não é nada mau!...

AVISO **Por conveniencia administrativa, O Zé passa, temporariamente a publicar-se ás quintas-feiras.**

A ADMINISTRAÇÃO.

Como se faz um conto

Para os novos, para aquelles que se dedicam ás lettras, e que, por desconhecerem a lingua franceza, não podem *traduzir*, *imitar* os contos publicados em varias illustrações francezas, assignando-os como obra sua, lembro um meio, o melhor, o de resultado seguro, e que em pouco tempo dá ao joven ou moderno escriptor uma celebridade capaz de merecer do sr. André Brun as suas melhores migalhas de apreço, considerações e estima, etc.

Attenção. Compra-se um bilhete para o Olympia que é um dos mais bellos salões de Lisboa, e ali, olha o *ecrain*, onde se fixa a vista e o pensamento, e estuda-se o assumpto da fita tal e tal, por exemplo: — *Jack, o pequeno domador*. Vejamos o assunto:

Jack era agora um alentado moço de 18 annos. Sem pae nem mãe, a sua vida é a miseria. Um dia junta-se com uma companhia de saltimbancos. Começa uma tarde na distribuição dos programmas da *sua* companhia, *seguindo aquella via sacra e dolorosa*. *Os cavalheiros agasalhados passam* sem olhar o pobre Jack; *senhoras carregadas de pelles* caminham saltitantes. De um palacete sae um cavalheiro ricamente posto. Vae a guardar no bolso uma carteira, mas no momento em que entra para o seu automovel deixa cahir a carteira sem dar por isso. O carro parte, Jack apanha a carteira, um apache salta sobre Jack para o roubar e este foge. Chegando á barraca escreve um bilhete ao commisario, do theor seguinte:

Sr. Comisario

Ha hallado un portamone das el cual os traéré esta noche, puesto que antes tengo que trabajar en la exhihicion de fieras de mi amo».

Jack, saltimbanco.

Vae mesmo em espanhol como se vê na fita, para não perder o sabor...

O espectaculo terminou e Jack leva a carteira ao commissario.

Agora o *grande lance!!* Jack tem um amigo que o afaga e aquece a cama. E' um formoso leopardo. Emquanto Jack vae ao commissario o apache entra na barraca para roubar a carteira encontrada por Jack. O leopardo não é tolo, e quando o apache entra, o animal salta sobre elle e trava-se uma lucta horrorosa. Jack chega n'esse momento, o apache é preso e o pequeno saltimbanco recebe das mãos do dono da carteira uma avultada recompensa, devido á bondade do commissario que o abraça commovido.

E aqui têm os novatos a escola moderna para se ser contista de fama. E' questão de léria, mudar o nome do heroe que passa a ser Pedro em vez de Jack, o homem da carteira póde ser uma dama que perde o collar de perolas, e o leopardo dá o logar a um Terra Nova.

Querem um exemplo? E' ler o conto *Festa de familia*, publicado na *Lucta* de 25 de Dezembro, e assignado pelo *auctor*, Graça e Cruz. D'este conto dou alguns trechos para se avaliar a habilidade com que se busca do cinematographo o assumpto para litteratura...original.

Um conto d'animatographo...

«Pedro era agora um elegante moço de 18 annos».

E mais abaixo:

Assim foi vegetando, assim foi crescendo até que um dia appareceu na terra uma troupe reduzida de saltimbancos, composta de marido, mulher, uma filha, um burro e um Terra Nova que tambem fazia habilidades.»

Depois:

«Sabendo-o sem paes e sem parentes, a troupe levou com sigo o rapaz com a promessa de que faria d'elle um artista; e a proposta foi acceite com uma intraduzivel alegria.

O que é certo é que o Terra Nova não o abandonára mais, aquecendo-lhe mesmo a enxerga misera, ao fundo da qual se deitava invariavelmente.

Pedro, durante a aprendizagem, alternava as funcções de bilheteiro com as de distribuidor dos cartazes.»

«Mal vestido e peor calçado, Pedro lá vae seguindo aquella via sacra, dolorosa, tiritando de frio, distribuir pela cidade os prospectos da funcção da tarde.

Os cavalheiros agazalhados nos seus casacos confortaveis, as mãos calçadas de luvas e enfiadas nos bolsos amplos não se dão ao fastidiento incommodo de pegar no papel que o Pedro lhes estende, arredando-o de si com desprezo, com repugnancia.

Senhoras carregadas de peles caras passam, saltitantes, não se dignando sequer volver olhos compassivos para o pobre Pedro.»

«Pedro apanha o collar e foge. Chegado á barraca escreveu um bilhete mandando-o ao commissario de policia. Era do teor seguinte:

Sr. Commisario — Encontrei um collar que ha pouco foi roubado a uma senhora. Como tenho de entrar na funcção da tarde, só no fim d'ella lhe farei entrega do achado.

Pedro, saltimbanco».

«Com effeito, terminado o espectaculo, que por signal nada rendera. Pedro cumprira a sua palavra. O commissario abraçou-o e prometteu-lhe que, da sua acção nobilitante lhe haveria de vir proveito.

Retirou-se Pedro tão satisfeito como se n'aquella noite viesse a ter uma lareira e uma consoada refortante...

Quando chegou á sua barraca, onde o seu inseparavel Terra Nova ficára sobre a enxerga, vigilante, encontrou o fiel animal em lucta com um homem de feia catadura—era o bandido que tentara roubar o collar e que o procurava na barraca, visto ter notado que Pedro o apanhára.

O bandido foi para a cadeia e Pedro com a troupe foi consoar no palacete da dona do collar, tendo sido além d'isso gratificado principescamente.»

Graça e Cruz.

Confrontem. E aqui teem os aspirantes como se faz um conto original. O Jack da fita e o Pedro de Graça e Cruz, podem *juntar-se* porque *são ambos* bem desgraçados!

Vejam a fita e depois é ler o conto. E' caso para dizer que o Pathé... plagiou Graça e Cruz!

Vinicio.

O jornal *O Mundo* do dia 26 de Fevereiro do anno preterito publicou uma carta rebatendo as más informações que um padre italiano, de nome Luiz Lêna, tinha dado a um *reporter* d'este diario, procurando por essa forma justificar o seu mau procedimento n'uma questão de *caça ao dinheiro*.

O padre Luiz Lêna depois de praticar o mal, tem procurado tornar-se innocente diante dos seus conhecimentos; mas não teve a coragem de contestar a carta publicada n'*O Mundo*, indicado acima; prova de que está culpado nas accusações que se lhe faz.

Vou contar-te o caso, leitor:

No primeiro andar do predio n.º 17 da rua d'*O Mundo* moravam lá umas velhinhas religiosas com um outro padre, que morreu no hospital de S. José.

Assim que o padre italiano Luiz Lêna soube do fallecimento do padre Affonso tomou-lhe o logar de procurador, que, segundo a carta d'*O Mundo*, entrou *com o pretexto de communicar a morte do padre Affonso*

«... o que sei é que momentos depois de uma conversa mais ou menos longa entre o italiano e a senhora em questão, era *por aquella aberta uma gaveta de uma comoda de que «exclusivamente se servia o fallecido Affonso, cujas chaves* estavam e ainda hoje estão no hospital de S. José» mas que o italiano, como homem de faceis expedientes que parece ser, *promptamente substituiu por outras, que para esse fim fora buscar a sua casa!*

«O que sei que os demais moveis e gavetas do fallecido foram tambem mexidas e remexidas pelo mesmo italiano...»

A carta, caro leitor, ainda falla de uns documentos que o padre Luiz Lêna fora buscar ao Monte Pio Geral e que, chegado a casa, entregara a uma creada dizendo que os queimasse...

Isto tambem me confessou a mim e a mais gente, a creada que fez a queima dos papeis mencionados.

O padre Luiz Lêna, quando foi d'essa questão, que ainda não foi tribunalisada, pediu-me para ir fallar com o irmão do Affonso e offerecer-lhe 12 copons, não me lembro de que quantia cade um, para que se acabasse a questão...

N'essa occasião acquiesci ao pedido d'este *papa-hostias* italiano por que julguei que a apparencia bondosa que exteriorisa não servisse de capa a uma hypocrisia requistada.

O papre Luiz Lêna é declarado inimigo da Republica Portugueza, que, diz elle, fêz com que diminuissem os ganhos religiosos; é apologista de uma revolução monarchica ou a dominação estrangeira.

E' facil conhecer o padre italiano Luiz Lêna:

E' baixo, vermelho, pescoço curto, bocca rasgada e sempre com um sorriso maldoso nos labios; grande covarde com apparencias de Farrabraz.

Uma vez por eu lhe dizer *que Deus só descia aos Infernos quando estava no estomago de um padre* o homem deu um salto como se tivesse recebido um choque electrico e disse-me:

— Xe foxe na rua o xinhor non fallaba axim. Fica xabendo — Eu ri-me.

Mais tarde, o padre Luiz Lêna pedia-me por *fabor* para o acompanhar por que tinha receio que lhe fossem á pavana...

Ora o *papa-christos*...

Chacon Siciliani.

TRISTE!...

A monarchia era a egoista.
a capa de ladrões, vilã rameira,
que até chamava ao povo a piolheira,
quando ele é que pagava a longa lista.

Um dia, uma republica optimista,
em falas que *botou* disse a maneira
de pôr ponto final á bandalheira
em quem a Bancarrota punha a vista.

E a boa da Republica surgia,
mandando passear a monarchia,
e aqueles que iam dando fim á *massa!*

....

Não sei que d'essa troca resultou!
Porem, do que a Republica avançou...
a monarchia ri-se, essa devassa!

K. K. Io.

O verdadeiro X!

A comissão de defesa nacional tem-se farto de ministrar conferencias ao povinho.

Mas ainda não descobriu onde ha de arranjar o dinheiro e ahi é que está o busilis!...

INQUERITO THEATRAL

Um verdadeiro successo

O plesbicito que abrimos no ultimo numero fez um verdadeiro successo. Temos sobre a nossa meza um montão de postaes cujas opiniões vamos devidamente registar e no proximo numero apresentaremos os votos até então alcançados. Nunca esperámos que fôsse acolhida com tanto alvoroço a nossa ideia.

Leitores e leitoras respondei n'um postal dirigido a Zé Pimenta — R. dos Poços Negros 81-1.º ás seguintes perguntas:

— Quem é o melhor actor dos theatros de declamação?

— E qnal a melhor actriz dos mesmos theatros?

— E dos theatros de oppereta e revista qual o melhor actor?

— Quem é a melhor artista dos theatros de opperetta e revista?

— E qual aactriz mais bonita dos palcos de Lisbôa?

Responde tudo, minha gente!

Tempo perdido

Em Hespanha (e em Portugal tambem) escrevem-se milhares de artigos a proposito da retirada de Maura á vida particular.

Mas para que perdem tempo a pensar n'esse gradissimo patife?

SALÃO OLYMPIA

Sahiu no numero passado uma noticia sobre este animatographo onde se dizia que na penultima matinée rose tinha tocado o distincto violinista Beneto, quando elle tal não fez visto estar doente. O facto explica-se pela razão de sêr a referida noticia respeitante a uma matinée anterior áquella e não ter sido publicada então por falta de espaço.

Elle ha tanta linguinha de prata...

CADAVERES... VIVOS!

O Padre: — Eu vos amaldiçôo, em nome da Santa Madre Egreja Evolucionista, por não terdes querido conceder a amnistia aos pobresinhos dos conspiradores!
O Sachrista: — ¡Amen!...

A situação politica

(Scena comica, que decorre em poucos minutos)

E' a hora do jantar. Abancádos a uma mesa, estão dois individuos. Um, é moderado evolucionista, o outro, exaltado affonsista.

— *O evolucionista dando uma dentada n'uma perna de frango:* — .. Você pode crer que o Antonio Zé é um grande homem!.. A sua politica é que ha-de salvar o paiz!...

— *O affonsista torcendo o nariz:* — E' o salvas!... O Antonio Zé .. está prompto... Deu em droga!...

— *O evolucionista carregando o sobre-olho:* —Perdão, meu caro amigo... Deve concordar que não tem motivo para assim falar... Olhe que é a Antonio José que se deve, em parte, o ter-se proclamado a Republica.. Na praça publica, era elle um dos melhores oradores! .. Sugestionava o povo! ..

—*O affonsista sorrindo:* — Mas isso era dantes! Hoje, o Antonio José, só tem em mira captar as sympathias dos que foram monarchicos confessos..

— *O evolucionista mettendo para a bocca uma garfada de agriões:* — E então?... Não acha justo que se chamem para servir o novo regimen, os que antigamente estavam ao serviço da monarchia, sem nunca terem descido a actos abjectos?

— *O affonsista enchugando os labios:* — Pois sim!... Mas se não fosse a politica de atracção..: outro gallo nos cantaria! Lembre-se, meu velho, que os republicanos foram escorraçados e os thalassinhas anichados!... E tudo por causa da tal politica de attracção...

— *O evolucionista cortando mais uma talhadinha de frango:* —Não diga semelhante coisa!... A demagogia é que é culpada do actual estado de coisas. . Ella e o .. Affonso Costa! ..

— *O affonsista esgravatando os dentes:* —Sabe que mais sr. Antunes? .. O melhor é não fallarmos mais em politica. E' impossivel chegar-mos a um accordo!

— *O evolucionista abundando nas mesmas ideas:* — Tem razão!... A politica ia-nos fazendo zangar... E' melhor mudar-mos de assumpto...

... Vae mais uma talhadinha de frango, sr. Neves?...

A triste verdade

Os paes da Patria andam mangando com o Zé Pagante. Os eleitos do Povo (?) que tinham a restricta obrigação de trabalhar, não comparecem nas sessões do Congresso da Republica.

A ordem do dia é... a falta de numero! E dizem-se elles, bons republicanos... Se effectivamente o fossem, dedicar-se-hiam ao trabalho e fariam o possivel para que Portugal tornasse, n'um futuro não mui longiquo, a occupar o brilhante logar que outr'hora conquistou, aquelles, que hoje se riem da nossa pequenez! ..

A nossa opinião

Se o sr. presidente da Republica nos tivesse chamado, dar-lhe-ia-mos de conselho que organisasse um ministerio da seguinte forma:

Presidente, sem pasta:—Theophilo Braga.
Interior:— Magalhães Lima.
Justiça:—Manuel Fratel.
Finanças:—Anselmo d'Andrade.
Fomento —Estevão de Vasconcellos.
Guerra: —Dantas Baracho.
Marinha: —Ferreira do Amaral.
Colonias: —Freitas Ribeiro.
Estrangeiros: João Chagas.

Com um ministerio assim constituido, bastaria um simples empurrãosinho para que Portugal deslisasse vertiginosamente pela ridente estrada do Progresso...

Luiz Ferreira (Lambisgoia).

Encontrei agora o Braz, cantador da minha villa. Quando eu saia, entrava elle n'uma casa de *prégo*, que fica ali para os lados de Arroyos. Pobre Manuel Braz! Vinha empenhar a guitarra, a alma da sua alma, a vida da sua vida! Olhem que é um excellente cantador, aquelle rouxinol humano!...

Não mais lhe ouvirei as trovas em que elle punha todo o seu sentimento de artista! A guitarra vae dormir para acolá, a um canto d'esta maldita casa de penhores...

Como me extasiava, como me enebriava a alma o seu cantar rude! Sim, que elle era a vida de todas as romarias e de todos os bailaricos... Era o enlevo dos pobres, o consolo das moçoilas que o escutavam enlevadas. E por aquellas noites de luar de agosto, ouvir-lhe as trovas que a guitarra acompanhava, era sentir dentro de nós qualquer coisa divina a refrescar-nos o espirito.

E como aquella resignada atitude, porque eu sabia o amor que elle votava á companheira, me causasse espanto, na sua voz rouca elle murmurou tristonho:

—E' verdade, vou ver se me dão alguma coisa por ella! Tenho-lhe muito amor, tu bem o sabes. Mas que queres, a Maria adoeceu, hoje até deitou sangue pela boca, os petizes têm fome e eu não tenho que lhe dar...

Custa-me, tu comprehendes que me deve custar muito... Mas então, tem de ser... Era minha companheira de todos os instantes. Distraiame tanto!... Mas aos pobres não lhes é dado distrairem a alma... Pobre amiga! Se tinha o coração triste, ella chorava comigo e vocês entristeciam-se; se estava alegre, parecia que nas suas cordas vibravam as minhas alegrias, e vocês riam todos comigo... Que se ha-de fazer?... O governo não dá trabalho á gente... Olha, ainda hontem, foi preso um camarada dos que foram ao ministerio pedir pão ou trabalho... A vida está dificil... A Maria doente, os filhos com fome... um horror!

Pobre Manuel Braz! Trabalhador honesto, negam-te o trabalho e eu acho sublime, heroica a tua resignação! E's bem o reflexo do generoso povo portuguez! A alma da tua alma, era a guitarra. Pois bem! Não duvidaste em pôr a alma no *prégo*, resignadamente, stoicamente, só para que os teus gritos pedindo pão não fossem perturbar a boa marcha da Republica e os interesses do governo...

Durante quantos seculos tem ainda o sol de alumiar a terra, para que os governos te comprehendam os sacrificios e sofrendo comtigo te melhorem a sorte?! Quantos!...

Pobre Manuel Braz! Incompreendido povo!

•

Tem agora a palavra o meu sempre querido e apreciado escritor Mayer Garção:

«Percorrendo jornais da epoca, encontrei ha dias a frase de João Franco, respondendo á petição assinada por 100:000 cidadãos portugueses, que requeriam o indulto dos marinheiros condemnados em virtude da insubordinação do D. Carlos. João Franco declarou duramente que o governo negava o seu apoio á petição, que era dirigida ao rei, o qual por sua vez lhe não deu satisfação. E que penas tinham sido aplicadas aos marinheiros? Severissimas, chegando a 16 annos de reclusão, a cumprir nos presidios ultramarinos!»

De tal forma procedia João Franco. Em contraste flagrante com a sua dureza de besta, procede hoje Manuel d'Arriaga com a sua clemencia magnanima.

Nós, portuguezes, somos em tudo assim... Tocamos sempre os extremos: ou muito bons, se nos dá para a ternura, ou muito maus, se temos instinctos feroses. Um meio termo é muito difficil de achar...

Ou rugimos como feras ou gememos como rolas inocentes...

Somos um povo unico, especialidade da casa...

•

A respeito da crise politica falará a *Capital*, que tem auctoridade no assumpto. Oiçam:

«Mas, porventura, entrou no cerebro dos politicos da nossa terra a presumpção de que isto pode continuar assim? Ça ne marche pas, — disse o jornalista Hedeman, quando veiu a Lisboa no consulado franquista. E' o mesmo que elle poderia dizer agora. Mas então havia a esperança de a Republica para fazer caminhar a nação. Hoje, para todos os lados que nos voltemos, não ha sequer esperanças de outra solução. A Republica foi a ultima. Fez-se para dar vida, para imprimir movimento á sociedade portugueza, e, mercê de caprichos, de mesquinhos resentimentos, de pequeninas ambições, a Republica corre o risco de falhar, o que não só seria desastroso para a causa da liberdade, mas fulminante para a independencia da Patria.»

O amigo Banana dizia, para estar de acordo com o jornalista que disse — *Cá ne marche pas*, que isto *avança* para traz que é mesmo uma beleza de hortaliça.

Portugal não é uma nação florescente — é um caranguêjo.

•

Para acabar, pois já me vou tornando chato, oiçam lá esta do «Diario de Noticias»:

«A 'Humanidade só é má quando se esquece de que pode ser bôa.»

O peor é que a dita Humanidade se está a esquecer do seu dever. Aquilo come muito queijo, ou então mentiu o jornalista...

•

Tenham paciencia os meus bons leitores. Ainda lhes quero impinjir este memorial:

«Os presos do Limoeiro enviaram a s. ex.ª o presidente da Republica um memorial apelando para os seus sentimentos generosos, a fim de que a amnistia concedida aos presos politicos abranja os presos por delitos comuns.

No documento enviado ao chefe do Estado ha este periodo:

«E' incontestavel que V. Ex.ª e o seu digno governo tambem não devem deixar no olvido centenas de prisioneiros de delitos comuns que agonisam nos diferentes carceres; a amnistia igualmente decretada para estes viria evidentemente marcar uma pagina gloriosa e humanitaria nos destinos da joven Republica. Qualquer homem de mediana cultura que visite o Limoeiro, sente o coração dolorosamente oprimido, pois em todas as prisões abunda o numero de epilepticos, assim como de muitos outros infelizes possuidores de doenças nervosas e mentais que se tornam irresponsaveis por qualquer delito».

Se o Manuel d'Arriaga, que teve a ousadia de querer perdoar aos bispos, não atender os presos por delitos comuns, fico convencido duma vez para sempre que tem coração de... talassa!...

Manuel Chagas.

Era uma vez...

Com o Affonso no podêr os thalassinhas ficam a chochár no dedo...

A amnistia foi um ar que lhe deu!...

Ensaios d'apuro...

THEATROS

—O Rafael Marques desde que *sonha* com bengalas, até já está mais cheio...

— A Espinosa já indagou quem são os auctores das peças, que se hão de representar no *Republica* para lhes ir pedir papeis...

— A Leonor do *Apollo* já não tem cão.

— Então a Candida e a Lia casaram?

— A Emilia d'Oliveira armou em padeira d'*Aljubarrota*.

— O João Calazans já estudou a *D. Branca*.

— O Chianca vae fazer outro beneficio para pagar a indemnisação da *batalha*...

— O Rafael Marques sonhou que lhe estavam a bater com bengalas na porta do quintal...

— O Rui Chianca diz que teve muito medo de ser enterrado vivo.

— O Motili não gosta que lhe larguem piadas...

— O Mario Pedro vae fazer o *Gaspar* serralheiro...

— O Chianca armou em cavalo de *batalha*...

— Então a Lia gosta muito da Candida?

— A Libania do *Apollo* já é artista...

— Diz o Chianca que a *batalha* se parece muito com a *boca do inferno*.

— A Leonor do *Apollo* já pagou a agua...

— O Manoel Pina faz beneficio brevemente com o *Hamlet*...

— Oh José Climaco!... Ah!... Se tu quizesses..

— O Loureiro musico do *Apollo* já tirou carta de *D. Juan*...

— O poeta Chianca foi agraciádo com uma corôa de *oliveira*...

— A Libania do *Apollo* tem mau genio...

— O Rafael Marques diz que uma bengala é o *nom plus ultra*...

Fica na reserva!

O Antonio Zé ainda não foi d'esta vêz ao podêr...

Mas para outra crise que haja elle ha-de ir, nem que sêja a pau e corda!!...

Coliseu dos Recreios

Continuam-se effectuando n'este circo, verdadeiros espectaculos monstros em que tomam parte perto de 50 artistas e de 20 a 30 cavallos não fallando nos 12 tigres de Bengala apresentados pelo arrojado domador Henrickesen. O campeão do *glima* Josefsson o comico Walter, as gentilissimas irmãs Truzzi, o trio Marno etc. etc. continuam causando sensação com os seus trabalhos de grande audacia, muita originalidade e deveras curiosos. A empreza no intuito de beneficiar o povo e facilitar estes espectaculos a todos, mas verdadeiramente *a todos*, reduziu a entrada na geral ás 3.as feiras a 100 réis.!!

Ora vamos a ver com que bulas de abonação se apresenta o *rechochudo* director dos *Ridiculos* para representante do Zé povinho!

Então já viram maior desplante?

Isso foi no tempo em que v. ex.ª, se apelidava de **caracoles.**

Depois passou a **caracol** e agora, é simplesmente uma **lesma** que além do rasto viscoso, por onde passa, deixa um tal aroma a ninho de *poupas*, que nem com os 450$000 réis que indevidamente recebe, convertidos em *opoponaxe*, evitaria de ser conhecido pelo cheiro.

*

No *Mundo* de 1 do corrente lê-se:

Por baixo preço

«Os titulos nobiliarchicos foram suprimidos em Portugal, mas nos ultimos tempos teem sido dados muitos mais relativamente que no tempo da monarchia. E' o caso que, quando os titulos existiam, havia que pagar direitos de mercê, e muitos fidalgos pelintras não pediam, por isso, autorização para usar os titulos a que se julgavam com direito. Agora, para um dos figurões usar do titulo em familia ou na vida chamada por elles elegante, basta-lhe obter uma autorisação de D. Manoel que a dá sem emolumentos. E' assim que o famoso Elesbão Lapa, ex-secretario da administração do 2.º bairro, usa hoje o titulo de visconde de Vila Nova de Ourem, que ao pai pertencia. Pelo mesmo comodo preço outros *snobs* se estão intitulando viscondes, barões ou condes de qualquer couso. Devemos convir em que não é daqui que vem mal ao paiz nem á humanidade. Cada um póde ser tolo á sua vontade e póde adoptar os pseudonimos que entender.»

Tem muito graça o nosso colega!

Então ainda julga ser preciso autorisação do *Mané Côco* ou Manoel da Horta, para fazer uso de qualquer titulo?

Quem nos poderá prohibir de usar o titulo ou alcunha que muito bem entendemos, desde que a Republica, por intermedio das *altas capacidades* encarregadas da pasta do interior, entendeu não tributar as humanas vaidades, que jámais deixarão d'existir?

Um nosso amigo, usa ha mais de um anno, a alcunha de *Marquez de Rio Tinto* e na conformidade da lei, póde, se quizer, registar a **marca** e ninguem mais poderá fazer uso do **seu** titulo, tão legitimo, como o de qualquer capitão de ladrões que pela sua quadrilha (o seu povo) se faça aclamar rei, depois de criar as respectivas repartições publicas, para registar o previlegio.

Nós tambem usamos o nosso prestigioso titulo de **Abelha Mestra,** já muito anterior ás *cruzadas*, e que consta de livros mais importantes e antigos que o almanack de Gota, sem que tenhamos de dar satisfação a qualquer *pedaço d'asno*, ou mesmo **asno inteiro,** e do mesmo modo usariamos a alcunha de *Duque dos abrunhos* ou *Duque dos Herminios*, *Marquez de Salvaterra*, ou *Barão da Tainha gorda.*

Outro tanto não aconteceria, se a Republica tivesse decretado, que o uso de titulos seria permitido a todas as pessoas que d'elles quizessem fazer uso, mediante uma licença annual passada nas repartições de finanças.

Se em Portugal houvessem menos **burros** e mais bom censo, outro *gallo cantaria*, mas emquanto forem conferidos premios aos que apresentem maiores orelhas e estes ornamentos sirvam para audição das **alarvices** dos nefelibatas que se arrogam as prerogativas de chefes de partidos, que em nosso entender, nem sequer merecem o nome de patrulhas, emquanto os Sarzedas e os seus padroeiros não forem ocupar os seus logares na caza das vassoras, poderão os Elesbões e mais *Sucios* tripudiar, até que o povinho...............................

*

Não lamentes *Dia* o teu estado, que ainda ha n'esta linda cidade d'Ulysses, quem não esteja d'acôrdo com as degenerescencias dos bragranças, descobertas pela sciencia do sr. Julio Dantas.

A que causas se atribue a degeneração de uma familia?

Diz a sciencia que são as praticas de cruzamentos consanguineos.

Consultando a historia, vê-se que as familias reaes que existiram em Portugal, tiveram sempre meticulosos cuidados na renovação dos seus globulos sanguineos, decerto com a preocupação da conservação e aperfeiçoamento da raça, do que não podemos duvidar, em vista da *intelligencia* de que eram dotados os descendentes do Barbadão.

Sem nos remontarmos a longiquas éras, vemos a insistencia com que a Carlota Joaquina trata de melhorar o dessorado sangue dos bragranças, a ponto de achar grandes e extraordinarias parecenças entre o filho da mulher do leiteiro do Paço de Mafra e o *seu* Miguelzinho.

O primeiro imperador do Brazil, o rei-soldado, aquelle que está em exposição no Rocio, tambem tinha o sangue sensivelmente melhorado.

Os processos de melhoração foram sempre em progresso até aos nossos dias, não se podendo fazer alarde dos grandes trabalhos ultimamente efectuados pela ultima rainha de Portugal — pela feliz ideia que ella têve de optár pela ovariotomia, julgando desnecessario o augmento da **quadrilha,** e tendo sido pouco feliz na jesuitica escôlha do pai do Manuel da Horta, que alem de mau phisico, tinha e tem o defeito de ser estupido como uma porta da casa dos bicos, não possuindo um unico traço phisionomico do executado rei Carlos.

Muitas mais considerações fariamos sobre este assumpto, se o nosso director não nos limitasse o espaço disponivel.

Tenha paciencia o *Dia*, que para outra vêz será...

*

Diz o sr. João de Menezes na *Lucta* de 3 do corrente, que o parlamento tem trabalhado, senão muito, pelo menos bastante e bem.

Quem ha-de gabar a noiva?

Não se pódem deixar os nossos creditos por mãos alheias!...

Abelha Mestra.

Luiz MENDES

Na terça feira realisou um beneficio este camaroteiro do Republica com a festejada peça *O Apostolo* notavel creação de Augusto Rosa.

Devido á excellencia do programma e ás muitas simpatias de que goza o beneficiado, este fez grande conquista de escudos.

Felicitamo-l'o sinceramente.

Inacreditavel!

O tenente Santos por ter cumprido o seu dever, sem espadeirar o povo foi castigado.

Não commentamos. Simplesmente registamos este triste facto que em nada ennobrece a Republica, regimen da *Fraternidade!*

Palcos, circos & écrans

Lancemos um golpe de vista sobre os nossos palcos e animatographos e vejamos o que ha a dizer ao leitor, que lhe interesse. E para que o façamos com ordem fallaremos de cada um por sua vez, não baralhando, assim, o assumpto. Occupar-nos-hemos em primeiro logar do *Nacional*. A seguir á montagem da «Triste viuvinha» a peça de D. João da Camara, tão portugueza que se agradou, muito mais deveria têr agradado se nós fossemos um povo com elevado sentimento nacional, mas infelizmente, para grande nosso mal, não o sômos, a empreza põe em scena o original de Bento Mantua, o para nós nunca esquecido auctor da «Má sina», «gente moça» e a traducção de Mello Barreto «Noite nupcial». Quanto á primeira alguem nos contou scenas que devem agradar completamente... Nós nada dizemos pois ninguem percebe o nosso publico. O que se vê é que o *Nacional* está com decidida vontade de auxiliar o theatro portuguez e por isso felicitamos a direcção. No *Republica* tambem ultimamente appareceram dois originaes portuguezes de grande valôr. A peça historica em verso «Aljubarrota» e «A deshonra» de D. João de Castro, peça de grandes situações dramaticas e peça de theatro de verdadeiro valôr, de theatro em que se agitam ideias.

Se a estreia de D. João de Castro não foi brilhantissima pela maneira como o publico recebeu a sua peça, ella o foi pelo valôr da mesma. Não devemos deixar de fallar nos concertos que em matinées dominicaes a orchestra portugueza effectuou n'este theatro. A concorrencia tem sido extraordinaria sendo o entusiasmo sempre delirante. Vê-se que pelo *Republica* tambem as coisas correm pelo bem. Como estamos perto passamos ao *Gymnasio* onde a «Menina chocolate» se installou definitivamente, embora a empreza tenha dito que a 20 lá teremos o celebre «Pinto calçudo», que tantos cozes fez estoirar quando esteve em scena.

E já agora subimos um pouco e vêmos que na *Trindade* a companhia de operetta sob a direcção artistica de Taveira teve um feliz successo com o «Soldado de chocolate» e prepara uma revista que julgamos têr pilhas de graça. O «Sonho douado» resolveu-se encher de ouro as algibeiras do emprezario do *Apollo* e prosegue na sua carreira triumphal que não terminará por estes tempos mais chegados, No *Avenida* egualmente se prepara uma revista, de que são auctores, Galhardo, Alberto Barbosa e João Bastos com musica de auctores reputados. Porém emquanto ella não sobe á scena a empreza vae apresentando as operettas do seu vasto reportorio.

As revistas «Branco e Negro» e «Sempre fresquinho» cooperam para o agrado do publico pelo *Theatro do Povo* que em grande successo o frequenta e no *Moderno* a revista «Os 4 gatos» continua em scena com successo. Quanto ao *Phantastico* tem ainda no cartaz a revista «De Lisbôa á fronteira» e basta dizer isto para se vêr que o publico com ella simpatisou. O *Infantil* tambem continua com a revista «Meudos e meudas» e no *Edison* (Conde Barão) apresenta-se agora o «Sonho de valsa». A revista «Catecismo moderno» e varias fitas constituem os espectaculos do *Salão dos Anjos*. Passemos agora aos animatographos, visto tratarmos do *Coliseu dos Recreios* em local áparte e depois de dizermos que a companhia do *Circo Popular Lisbonense* tem agradado muito pela variedade e valôr dos trabalhos apresentados e attenta a exiguidade nos preços dos bilhetes.

As sessões da moda do *Chiado Terrassse* ás 3.ªs e 6.ªs em nada teem diminuido de enthusiasmo e de chic. Antes pelo contrario ,o tempo mais as tem radicado no gosto do publico. Egualmente as do *Salão da Trindade* e do *Olympia* são immensamente concorridas pelas nossas familias da sociedade elegante assim como as interessantes matinées roses e elegantes d'este. A todas ellas a nossa primeira sociedade accorre de forma a encher os salões. No *Salão Foz* está a coupletista Pilarito e o artista Florentyo que teem agradado muito assim como tal continua succedendo com as fitas do *Salão Central*. As falladas do *Salão Loreto* dão enchentes successivas a este animatographo que é dos mais elegantes de Lisbôa.

Zigomar

BATE CERTO!

O sr. Anselmo Xavier declarou no Parlamento que a Republica não foi feita para dar constante bôdo.

Tem razão! A Republica foi feita para os politicos economisarem as massas da nação.

O peior são os *tubarões*, que não olhando a náda, comem á mêsa do orçamento, como uns desalmados!...

"TERRA LIVRE"

Por iniciativa de Adolpho Lima, Pinto Quartin, Sobral de Campos e outros, intenta-se a publicação de um semanario de ideias livres com o titulo que nos serve de epigraphe. O capital é adquirido por acções de 500 réis, 50 centavos sendo o capital reembolsavel em livros e outras publicações quando o desenvolvimento do jornal o permittir. Pelas condicções especiaes em que se realiza, cercada de todas as garantias, de forma a não permittir uma má administração ou orientação torna-se recommendavel a todos os que teem ideias livres, a todos os amigos da Liberdade, esta tão generosa iniciativa.

Como propagando do novo semanario a sahir foram publicados pelo grupo editor do mesmo, quatro postaes, cujo preço é de 10 réis cada um, contendo uma bella figura allegorica de Rocha Vieira e um trecho respectivamente de Sobral de Campos, Pinto Quartin, Adolpho Lima e Neno Vasco. Por falta de espaço não os transcrevemos, reconhecendo sêr um optimo meio de propaganda o espalhar quanto possivel aquelles postaes por todos os lares.

A inscripção de accionistas realiza-se no kiosque Elegante do Rocio.

OUTRA!

Mais uma falta de numero na Camara dos Deputados!

E a dizerem que não ha vontade de trabalhar!...

PROMPTO PARA TUDO

Isto é que é intelligencia! Até me sinto com coragem de ser ministro de mim mesmo!